

Vagabundear pensamentos – ciência e loucura e arte (*Vagabond thinking – science and art and madness*)

Susana Oliveira Dias*

Resumo

Há poeira nos olhos. Partículas coloridas se agitam entre Javé, escrita, ciência, arte e loucura. Esfrego as narrativas. “Não, não!”. Tarde demais. Palavras feridas. Livros escavados. Perigo (de morte? de vida?). Também poeira são as águas, as lágrimas. Não há como salvar o globo da poeira e da loucura, é preciso afirmar o seu excesso, conviver com lesões na córnea gramatical. Querer o filme como pálpebra dobrada, que expõe os mundos às águas im-puras e facilita o acúmulo de germes na sintaxe.

Palavras chave: cinema; loucura; escrita; arte e ciência.

Abstract

Dust in our eyes. Colorful particles are shaken among Javé, writing, science, art and madness. I scrape the narratives. “No, no!”. Too late. The words are wounded, the books are dig and excavated. Injuries in the grammatical cornea. Opening for wanted infections and affections. There is no way we can save our planet from the dust and the madness, just postulate its excess instead. Just welcome the movie as a double eyelid, exposing the worlds to the im-pure waters and favoring the assemblage of germs in syntax.

Key-words: cinema; madness; writing; art and science.

* Susana Oliveira Dias é Pesquisadora (PqC) do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor-Nudecri-Unicamp). Coordenadora do mestrado em Divulgação Científica e Cultural (DCC), do Labjor-IEL-Unicamp. Líder do grupo de pesquisa multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências e educações (CNPq) e sub-coordenadora do projeto "Escritas, imagens e ciências em ritmos de fabul-ação: o que pode a divulgação científica?" (MCT/CNPq N° 14/2009). Endereço postal: LABJOR. Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Prédio V da Reitoria - Piso 3 - CEP 13083-970: E-mail: susana@unicamp.br



Cena 1 – *Narradores de Javé* – eliane caffè (2003)

Aconteceu no Vale do Javé...

Era uma vez um Papel em que se agitavam Riscos, Luzes, Cores e Sons como partículas de poeira dançantes. Queria que fosse só isso. Mas havia uma grande obsessão. Era preciso produzir O sentido. Inventar A grande história e derramá-la sobre a superfície do tempo, criando uma mancha sedentária. A síndrome do patrimônio da humanidade acometia o vale. Escrita deveria criar uma tatuagem na pele da Memória e encenar e acenar com um testemunho-Salvação.

Mas Escrita perde o barco. Decepciona. Prefere não. Era muito falsa. Criava cartas sem correspondência nem conformidade com o mundo visível e vivível. “Não havia... suficientemente irreal que lhe servisse de modelo”, diria marguerite youcenar (1996) se a encontrasse. Entre ela e o mundo havia uma disjunção, uma fenda, uma fresta. Em vez de divulgar as verdades, divagava em ficções. Palavras bêbadas, abandonadas, sujas, mal rebocadas, descascadas, que, para Ciência, a nada levavam, só queriam encher linguíça, florear os acontecidos. Escrita traía. Não dava para confiar naquilo que nasce depois de morrer. Era uma louca que precisava ser domada e controlada para ser útil, para servir aos propósitos.

Um dia, agarraram-na pelos braços e a arrastaram pela vila, levando-a à presença da Verdade, da Memória e da Razão... “Cortem-lhe a cabeça” gritaria satisfeita a rainha de copas (CARROL, 2009) nesse momento, se por lá perambulasse assim, como quem

não quer nada. Foi julgada, condenada e ameaçada de ser escorraçada se não cumprisse com o ofício de escritã. O papel-tela-do-cinema criava o clima, orientando Luzes e Sons a operarem em regimes de Claro *ou* Escuro, Visto *ou* Oculto, Música *ou* Silêncio, Mar *ou* Sertão. O Cientista abria mapas, colocava aspas. *Fotografava* os pormenores. Noticiava as regras para a sintaxe. Controlava e purificava os procedimentos. Tudo para fazer valer a função primordial que Escrita deveria desempenhar: fazer valer a voz da maioria, reconstituir a história exemplar a partir de restos antepassados enterrados e calcificados na memória. Escrita achava aquilo tudo *coisa de gente doida*.

Apesar de aceitar sua missão, o revirar dos olhos e seu riso irônico denunciavam suas *despretensões*. Recusar o (esse) Papel. Quase não agia. Respondia a poucos estímulos. Para os moradores-espectadores do Vale-Filme talvez estivesse acometido de *descauso* constante, talvez se mexesse pouco para salvar o vale. Mas o que era salvar?

Escrita não compreendia sua missão, a ideia de combates-*contra*, de destruição e repulsão, em que as forças do combatente (Sertão) e as potências diabólicas do combatido (Mar) estavam determinadas. Em suas Confabulações com o filósofo Gilles Deleuze, imaginava um combate-*entre*. Deleuze (1993, p. 151) dizia-lhe baixinho: “trata de apossar-se de uma força para fazê-la sua. O combate *entre* é o processo pelo qual uma força se enriquece apropriando-se de outras forças e se juntando a elas num novo conjunto, num *devenir*”. Ao que ele pensava furtivo: mas isso é um querer a invasão... Admitir que, também poeira são as águas, as lágrimas.

Permanecia, assim, como que desentendida do *fazer* Escrita.

Numa espera infinita, soturna, do *acontecer* Escrita.

Nesse nada fazer, nada entender, não fazia. Fazia menos, sempre menos do esperado. Preferia as paredes e os sonhos. Era intolerante à Luz, ao Certo, ao Errado, ao Ou. Tinha os olhos cheios de poeira. Espécies de partículas coloridas que se agitavam entre Javé, ciência, arte e loucura. Esfregava nervosamente as narrativas. “Não, não!”, gritavam. Tarde demais. Palavras arranhadas e feridas. Lesões na córnea gramatical. Abertura para infecções e afecções desejadas.

Escrever como um cão
que faz seu buraco, um rato que faz sua toca.
E, para isso, encontrar seus próprios
pontos de subdesenvolvimento,
seu próprio patoá,
seu próprio terceiro mundo,
seu próprio deserto
(DELEUZE e GUATTARI, 1977, p. 28-29)

Embora preferisse ficar i-móvel, Escrita era forçada a se movimentar. Carregado de sonolentas palavras e um ouvido fingido, andava de casa em casa sob forte escolta, *desescutando* as histórias dos Heróis da vila que deveriam preencher as páginas do livro salvador: “Como eram prodigiosos ao demarcarem seus territórios. Quase uma arte!”, ria-se consigo mesma. Subiam os morros, carregavam e conduziam o povo todo junto, e cantavam as fronteiras. Galos empoleirados. Lutavam obsessivamente pela melhor, mais bela e verdadeira Plumagem. Mas, ao mesmo tempo, envolviam-se em disputas ferrenhas e assistíamos à destruição de corpos, ao esvoaçar e estraçalhar das penas, ao piar doloroso. Havia cheiro de morte naquelas histórias que clamavam pelos testemunhos mais fiéis, pelas origens mais puras, pelos melhores representantes, os mais decentes pretendentes a serem perpetuados. Queriam-se VerSões, mas era sempre o Mesmo. Queriam-se Plurais, mas investiam na expulsão dos outros galos, afinal a história tinha que ser privada, una, unificada. Escrita total. Era Constância quem realmente ganhava a disputa. Fugindo da briga de galos, seus pensamentos vagabundavam – “A vila já se encontraria submersa?” – e Escrita terminava por colocar no papel, como uma criança que aprende a escrever, usando mais de um terço da página, em letras desconcertadas, apenas os Nomes dos heróis. Apenas Nomes... Consumido que andava, saiu da vila e encontrou um poeta, José Avelino Dias, que do alto do Vale Bramia e também cantava as divisas, mas um canto muito distinto:

Eu fiz um poema,
falava de irmãos
mais bem preparados
guiando os mais fracos,
dizia de eleitos
por Nosso Senhor
lutando por todos,
pregava da
Honra
Pátria,
Santidade!

Rasguei o poema,
não era verdade.

Refiz o poema
trazia outros gritos:
Juntos poderemos!
(?),
pregava igualdade,
falava do povo
do pão para todos
união,
Pátria (ainda) e
Liberdade!

Rasguei o poema,
tive de rasgar
não era verdade.
Não faço mais versos
não sei da verdade
medos me consomem
creio em quase nada

Igualdade?
Pátria?
Liberdade?

Não sei de palavras
não creio em milagres
não quero saber
rasguei os poemas,
todos os poemas

espero cansado
não sei se ainda há tempo,
não te acuso nada
sabendo da merda
não limpei meu cu
não matei nenhum
eu sim,
sou culpado.



Cena 2 – *Narradores de Babé* – papelar de marli wunder (2008)¹

Mas que canto é esse, que se manifesta, infesta e festa as fronteiras? Que piar doloroso, que nasceria, entretanto, de uma luta e uma dor distintas? Que canta e devora o território enclausurador da Escrita messiânica e emancipatória, para dele traçar uma fuga. Fuga que só poderia acontecer dentro do território da Escrita? Saída que passa pela invenção de um modo de estar bárbaro no próprio território da Escrita, pelo dilaceramento político e poético de suas propriedades, pelo rasgo de suas certezas, pelo despregar e despatriar as palavras de uma vontade de Revolução. *Ar-riscando* Liberdade, Honra, Pátria e Santidade, chama por outros *Povoamentos*. *Povo-Ar*. É certo que, depois disso tudo, o território não é mais o mesmo, embora seja. Mas que certo mais incerto é esse? O poeta salva? Perde?

Com essas escolhas a Escrita e o Poeta não seriam bons representantes da vila? Não, não seriam. Mas o que seriam então? Garantiriam a salvação? Produziriam um milagre, que fizesse eco aos gritos de União e Liberdade, que desse voz às minorias, que mudasse a consciência das pessoas que pretendiam inundar o lugar? Não, também não. Enquanto a salvação se opunha à perdição – não qualquer perdição, mas à perdição da linguagem, das possibilidades políticas de não recair nem na veracidade científica nem na ficção novelística e jornalística, operando variações meramente estruturais, sem ruir a ossatura e os edifícios que as sustentam – não, também não. Se o problema parecia resumir-se a não (se) salvar, Escrita pensava com o Poeta, Poeta pensava com a Escrita,

¹ *Papelar* – ensaio fotográfico de Marli Wunder produzido para a tese de doutorado: DIAS, Susana Oliveira. (2008). *Papelar o pedagógico... escrita, tempo e vida por entre imprensas e ciências*. (Tese de Doutorado). Campinas: FE-Unicamp.

que o problema também era não (se) perder, atingir o momento em que não mais pudéssemos distinguir o salvar e o perder.

Escrita saiu dali com um intenso desassossego após experimentar aquela curva poética e ouvir os gritos dos signos-intensidades lançados ao vento, palavras que escolhem um destino Incerto, que clamam por uma Involução revolucionária. “Ópios, édens, analgésicos. *Não me toquem nessa dor*. Ela é tudo que me sobra. Sofrer vai ser a minha última obra. Ela é tudo que sobra. Viver vai ser a nossa última obra”². Murmurava várias e várias vezes: o Poeta só podia mesmo ficar Fora da cidade... o Poeta só podia mesmo ficar Fora... o Poeta só podia... o Poeta só... o Pó... Deserto na representação. Reduzida a pó, Escrita era levada pelos fluxos de ventos, águas, cores, sensações... Perdia os contornos, as definições, as *orgãonizações*... atingia uma espécie de estado embrionário, larvar, em que sabe-se lá o que vai dar...

Pó. Vento. Fragmentos dispersos.

O tempo da luta experimentava uma dispersão sem precedentes, imaginava Escrita ao encontrar eduardo pellejero (2009, p.135-160).



Cena 3 – *Narradores de Café* – cecília giannetti e christiano menezes (2007)³

Ironicamente é Câmera – que manipula um engenheiro pertencente à equipe responsável pela construção da barragem que inundará o Vale – quem produz o filme-livro-reportagem-documentário que enaltece o homem nas entranhas das faces marcadas pelo tempo, que lamenta e exalta as memórias em relatos emocionados do vivido e que

² *Dor elegante* de Itamar Assunção e Paulo Leminski.

³ Imagem do livro: GIANNETTI, Cecília Barboza. (2007). *Lugares que não conheço, pessoas que nunca vi*. Ilustrador Christiano Menezes. Rio de Janeiro: Agir.

cumpra o ofício do Engajamento na luta. Mas Câmera também não salva o vilarejo. Antes dá expressão à Insuficiência das grandes imagens, à Captura das grandes narrativas, centradas no sujeito e na razão e que desejam participar a verdade do mundo.

Jacques derrida (2003) pensava em algo como se o sujeito e a razão corressem o risco de perder (uma doença mental), de se perderem (uma loucura), ou, ainda, de se tornarem uma causa perdida (um fracasso, um criminoso). Um lançar Escrita ao esquecimento do louco, ao testemunho bêbado e cambaleante que perde o controle e efetua-se na não efetuação.

O livro em branco.

Tudo em nome da imprevisibilidade da vinda, do arrebatamento do que virá, dos distúrbios e perturbações de quem vem... mobilizada pelas provocações de derrida, Escrita imaginava-se em outras capturas e solturas que clamavam por procedimentos de pensar, sentir, agir, por (des)funcionamentos, por forças do incerto, do incalculável, do imprevisível. Gestos que não implicariam abrir mão do povo e da luta, muito menos de afirmar que a Escrita teria somente a si mesma como objeto, mas abrir mão da ideia de que a Escrita teria a si mesma como sujeito. Uma força de esvaziamento que abre para um devir-qualquer-coisa da Escrita. A Escrita-Narrador-Aranha de deleuze e proust (2006), que ganha contornos múltiplos, desarranjados, sem órgãos, sem organismo, sem visão, sem vivência, sem lembranças. O louco de Lawrence Ferlinguetti⁴: “E ele é o olho louco da quarta pessoa do singular/Da qual ninguém fala/E ele é a voz da quarta pessoa do singular/Pelo qual ninguém fala/ E que toda vida existe”.

O “o esplendor do on”, diria schérer, em que não se trata de uma mera escolha linguística, mas de praticar desvios na linguagem, linhas de fuga, “em que vida e escrita, por intermédio do impessoal, se fazem indiscerníveis uma da outra” (SCHÉRER, 2000, p. 21-38). A violência afirmativa de que a Escrita não é nada, não significa nada, não representa nada.

Ressecada e inundada por uma loucura Impessoal, Escrita cambaleava sem rumo pelas ruas da vila inundadas de intensidades bêbadas, às margens de um rio seco de possíveis. Foi perseguido por um bando de crianças que cantarolavam às voltas a loucura de ynta yntax ri (PIGNATARI, 2008).

*Bili belisa
Bela Bili
Bili Bélica*

Bili Bárbara

⁴ Citado por René Schérer (2000).

Biliada
Bili bipolar

Bili Biruta
Abilolada
Bili holliday

Bili biônica
Bili biotônica
Bili à beça

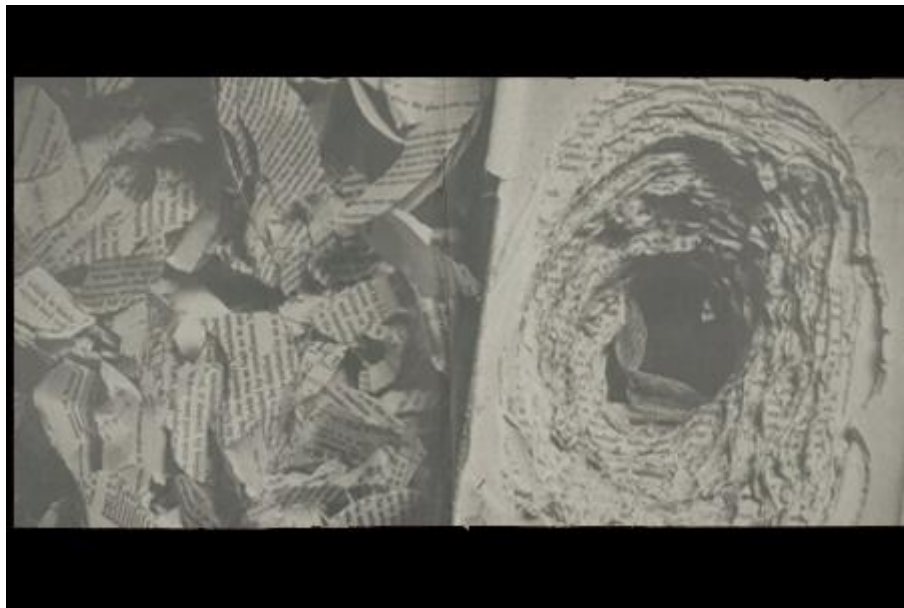
Ele estava louco! E vagabundeava à beça!

Escrita gostava das conversas soltas e despreziosas De bar (atenção, não eram no bar propriamente), dos encontros mundanos com o Livro de Isadora Ferraz, as Pranchas Anatómicas de Walmor Corrêa, as Baratas de Kafka, o Gato de Alice, com os Corpos-Escrita em decomposição de Cecília Gianetti e Cristiano Menezes, com as Ardentes-Imagens de Marli Wunder, com as divagações científicas de alunos, artistas e pesquisadores do projeto “Escritas, imagens e ciências em ritmos de fabulação: o que pode a divulgação científica”⁵. Ali sim, parecia atingir o máximo de imobilidade: só risos. Ouvia dos amigos De bar as propostas mais atraentes, divertidas, doloridas; as saídas mais inusitadas e inesperadas para lidar com seus problemas missionários.

Isadora pesquisava minuciosamente como dar vãos à Escrita. Escavava e esburacava descontroladamente e delicadamente o Livro. Perigo (de morte? De vida?). Cultivava incessante e repetidas vezes esse ato esgotante. Escrita podia ouvir os gritos surdos do papel perfurado, das palavras entulhadas e soterradas, das significações acumuladas e sobrepostas, do Livro *desobjetado*, da leitura *impossível*. Era preciso subtrair algo da Escrita. Fazer vazar novos possíveis. Deixar passar o vento. Criar “passagens de arte”, como dizia Cristine Buci-Glucksmann quando se juntava a nós. Desvãos com a arte em que pulsa uma potência de loucura deslizante pela Escrita. Passagens que desviam das totalidades, da visão de uma obra de arte total, que nos convidam à estética do efêmero, à impermanência das coisas, ao acolhimento do devir,

⁵ Projeto desenvolvido sob coordenação dos professores doutores Carlos Vogt, Susana Dias e Elenise Andrade que reúne alunos e pesquisadores vinculados ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e o Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs). O projeto é financiado pelo MCT e CNPq (Nº 14/2009). Integram o projeto alunos, artistas e pesquisadores: Sheyla Macedo (IEL-Labjor – iniciação científica bolsa SAE); Luana Lopes (IFCH-Labjor – iniciação científica bolsa SAE); Ana Paula Camelo (DPCT-Labjor – doutoranda bolsa Capes); Vivian Pontin (IFCH-Labjor – doutoranda bolsa CNPq); Renato Oliveira (Labjor – mestre com bolsa TT3 Fapesp); Aline Câmara (IEL-Labjor – mestranda com bolsa Capes); Tainá de Luccas (IEL-Labjor – mestranda com bolsa TT3 Fapesp); Prof. Dr. Antonio Carlos Amorim (FE-Unicamp); Profa. Dra. Alik Wunder (PUC-Campinas); Profa. Dra. Érica Spieglich (Unesp-Rio Claro); Prof. Dr. Eduardo Pellejero (UFRN).

“da passagem, do intervalo presente nas coisas, do intervalo na vida”(ROSA, 2009, p.72).



Cena 4 – *Narradores de Papé* – isadora ferraz (2010)⁶

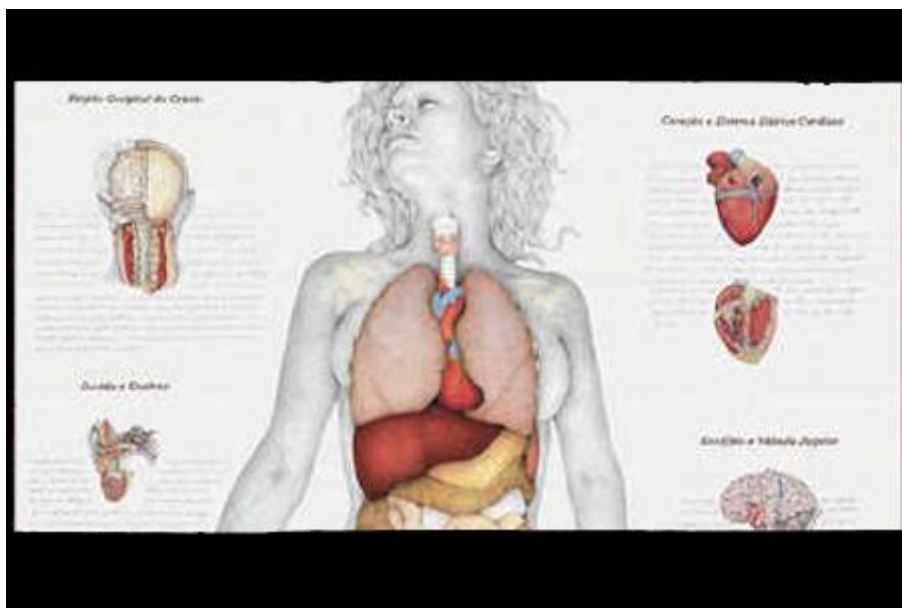
Já walmor corrêa criara uma fórmula. Não para produzir mais ciência, mas para “renegociar a própria ideia do que é, ou não, científico”⁷. A fórmula do artista consistia em provar cientificamente que não há como lavar, limpar e salvar o mundo da poeira e da loucura, antes é preciso afirmar o seu excesso. Trabalhando como um investigador, pilhava e “hackeava” os Dados e Ferramentas científicos, capturando seus códigos, e dava vida aos mitos nas Pranchas Anatômicas. Lá estavam sereias e sucupiras estendidas e dissecadas num detalhamento obsessivo. Escrita sentia-se atraída por esse Procedimento que desejava a invasão, o arrombamento. Fantasia, lenda, imaginação que invade a Escrita científica e transgride os princípios das ciências: observação, registro e catalogação. Fazendo com que a linguagem científica, linguagem dita do real, crie um ato de fabulação e gagueje desde dentro. Figuras fictícias com órgãos, músculos, ossos e vísceras aparentes, em desenhos que utilizam a plástica taxonômica realista da História Natural. Provocando *desentendimentos* e estragos. Seres que desconheceriam suas impossibilidades, sejam elas determinadas pelas ciências ou pelos mitos⁸.

⁶ Imagem que a artista criou para a capa e contra-capas do catálogo da *Semanas de Dança. Diálogos*. Suas obras podem ser vistas no site: <http://isadoraferraz-trabalhos.blogspot.com/>

⁷ As obras do artista podem ser acessadas no site: <http://www.walmorcorrea.com.br/php/inicio.php>

⁸ Possibilidades exploradas com a obra do artista em minha tese de doutorado: DIAS, Susana Oliveira. (2008). *Papelar o pedagógico... escrita, tempo e vida por entre imprensas e ciências*. (Tese de Doutorado). Campinas: FE-Unicamp.

Seria um *subversar* ciências, mitos, loucura e razão o que walmor conquistara com sua fórmula? Introduzia perturbações entre a vida e a morte, entre ontem e o amanhã. Estabelecendo comunicações virulentas entre. Estranhos contágios que *desfiguravam* as formas do real-verdadeiro e da ficção. Mexiam na carne da linguagem, na sua insistente obsessão em fazer funcionar a fixação das qualidades, características e propriedades dos corpos, em determinar um conjunto de possíveis para a vida. Era como se Escrita fosse impossível. Mas se é impossível não acontece?



Cena 5 – *Narradores de Sapé* – cryptozoology de walmor corrêa (2006)⁹

miguel bomfim¹⁰, ao assistir ao filme-escrita-pesquisa no evento *O que pode um cotidiano que divaga ao fabular? Com-fabulação... Ex-pressão?*¹¹ Ver aquilo tudo, não resistiu a lançar uma pergunta provocadora: “Ciência e loucura então têm a ver?” A Imagem de walmor respondeu logo: “Que pergunta ótima!” De *incerto* Miguel, que os

⁹ Cryptozoology foi exposta pela primeira vez no Museu de Arte da Universidade Bates, Lewiston/Maine, EUA / H&R - Espaço de Arte do Instituto de Arte da Cidade de Kansas, Kansas City/MO - EUA

¹⁰ Agricultor que vive na Área de Proteção Ambiental Itacaré-Serra Grande, ao sul da Bahia, e faz parte do Projeto “Olhares cotidianos da certificação Turismo CO2 neutro: logos e grafias de uma transformação na APA Itacaré/Serra Grande/BA” financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), coordenado pela Profa. Dra. Elenise Cristina Pires de Andrade.

¹¹ Evento organizado pelo grupo de pesquisa multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências e educações (CNPQ – líderes Profa. Dra. Susana Dias e Profa. Dra. Elenise Andrade) que reuniu alunos, pesquisadores e artistas vinculados a dois projetos – “Escritas, imagens e ciências em ritmos de fabulação: o que pode a divulgação científica” (Lajor-FE-Unicamp e Uefs - MCT-CNPq) e “Olhares cotidianos da certificação Turismo CO2 neutro: logos e grafias de uma transformação na APA Itacaré/Serra Grande/BA” (Uefs, Mecenias da Vida e UdG - Fapesb) – e convidados para proliferar pensamentos e divagações de suas pesquisas com o filme *Narradores de Javé*. O evento aconteceu de 02 a 04/09/2010 na Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs) e contou com financiamento da Fapeb, CNPq, MCT, Capes e apoio do programa de Pós Graduação em Divulgação Científica e Cultural do IEL-Lajor-Unicamp.

giros concêntricos em torno de cientistas malucos e/ou insanas ciências – considerados estereótipos frequentes em obras literárias, filmes de ficção, desenhos animados e propagandas – não são suficientes para pensar em sua pergunta. Escrita pensa... Porque uma loucura que oscila entre o lidar com o absurdo, o desconhecido, o excêntrico e envolver a criatividade, a imaginação e a genialidade e, em outro pólo, não necessariamente oposto, com a insana falta de escrúpulos, as ações desmedidas e inconsequentes, é uma loucura que tem como eixo o sujeito e a sociedade. Uma loucura que nos aprisiona numa vertigem etiológica (causas e consequências, origens), inspira medo e respeito, cria deuses e demônios, gera fortes controvérsias entre o bem e o mal, o joio e o trigo, as utopias e distopias, e mobiliza movimentos de compreensão dos desajustes, explicação dos distúrbios, denúncia das perdições e busca o encontro de salvação: diante de uma ciência descontrolada, a reivindicação do controle social da ciência. Sim, social na figura dos sujeitos nomeados em maiúscula, pois Escrita, sábia que era, já havia pen(s)ado com isso, quais sejam: Javé, Babé, Café, Sapé, Papé e José.



Cena 5 – *Narradores de José* – bios-tecnos-dados em *Cores Secas* de fernanda pestana (2011)¹²

¹² Bios-Tecnos-Dados é um jogo in-ventado por uma equipe multidisciplinar vinculada ao Labjor-Unicamp, dentro do projeto de pesquisa e divulgação científica “Um lance de dados: jogar, poemar por entre bios, tecnos e logias”, financiado pelo Proext 2008-MEC/MinC em 2009. Jogo que quer jogar com biotecnologias, imagens, textos, sons, jogos, educações, comunicações, artes e filosofias. Lances de dados que desejam se ex-por ao quasejogo! As imagens do jogo são criações da aluna e designer Fernanda Pestana e podem ser visualizadas no blog Calçadão: <http://www.labjor.unicamp.br/biotecnologias/calca dao.html>. No ensaio *Cores Secas* a aluna inseriu as imagens do jogo em novas experimentações que fazem parte de seu projeto de iniciação científica – “Educação visual, design e minoridade: foto(des)montar os padrões da divulgação científica” (Fapesp nº 2010/08932-1), inserido no projeto “Escritas, imagens e ciências em ritmos de fabul-ação: o que pode a divul-gação científica?” (MCT/CNPq Nº 14/2009).

Ah, mas podemos reescrever a pergunta de miguel numa forma parônima: “Ciência e loucura têm a haver?” Haveria um débito, uma falta, algo que teriam, ciência e loucura, perdido? Quereriam ambas ter pe(r)dido algo? Talvez tenhamos que insistir um pouco mais nesse “caminho da perda”, pensou logo artaud¹³. Ficar entre as duas – ciência e loucura – entre o que as junta e as separa. Resistir a se enclausurar na loucura real, da doença, da dor e do sofrimento corpóreos, relegando-a ora ao monopólio das margens delimitadas dos saberes psiquiátricos, patológicos, ora sucumbindo à loucura irreal, deixando-se recair no julgamento de ser considerada uma Escrita leiga e/ou mera Escrita. peter pál pelbart propunha pluralizar a Loucura, pensá-la no Plural. O Plural achou fascinante a ideia de abrir o pensamento ao desatino lancinante, poética e politicamente potentes, entre o que o filósofo define como:

Lugar de passagem e de vertigem, em que fosse possível pensar próximo à loucura o suficiente, sem abandonar-se, porém, à sua sedução sem medida, e fora da loucura o bastante, mas sem que esse fora se transformasse no lugar da Razão (clínica, social, filosófica). Esse espaço “neutro”, não-clínico e não-literário, exterior à loucura e ao mesmo tempo à razão, talvez seja o único capaz de abrir o pensamento à desrazão sem que ele a enclausure ou sucumba a ela¹⁴.

Ora e Ora apaixonaram-se pelo paradoxo. Pergunta desloca-se, desfoca-se: como expor o pensamento à desrazão sem que disso advenha a loucura? O que condenaria à loucura aqueles que uma vez tentaram a experiência da desrazão? Não era dar a voz aos loucos – O testemunho do louco – mas, como a filósofa eugénia vilela sempre provocava, “seria preciso investir no abismo da linguagem ao romper com o testemunho como representação”¹⁵. Deslocar da uma lógica narrativa predominante, que investe na produção de sentidos, para a irrupção do acontecimento. Modo como, para vilela, o testemunho desenharia uma forma intempestiva do sentido, produzindo um enfrentamento entre forças da morte e da vida. Um gesto de arrancar “a linguagem ao desaparecimento de um destino sem sombra”, em que a arte surge como uma experiência daquilo que não nos foi dado viver.

¹³ Citado por PELBART, Peter Pál (1989).

¹⁴ PELBART, Peter Pál. (1989). *Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão*. São Paulo: Brasiliense. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/peter/clausuradofora.pdf> Acesso em: jan. de 2011.

¹⁵ VILELA, Eugénia. (2000). Corpos Inabitáveis. Errância, Filosofia e Memória. *Enrahonar*. Vol. 31, pp. 35-52. Disponível em: http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-pt/wp-content/uploads/2006/12/corpos_inabitaveis.pdf Acesso em: dez de 2010.



Cena 6 – *Narradores de Javé* – eliane caffè (2003)

Um Filme-Escrita narra-dor, uma pálpabra dobrada que expõe o olho à invasão das águas im-puras que vêm de fora, que dispersa partículas, abre vagas dançantes e facilita o acúmulo de germes na sintaxe. É preciso conviver com as lesões na córnea gramatical, com a parede da visão riscada, com a foto queimada, com o livro em branco. A loucura não é mais um corpo familiar ou estranho, mar ou sertão, que habita o pensamento. Não mais um organismo, mas poeira e samba vagabundos.

*Olhe o meu samba
todo sem jeito
samba feito
em contramão
todo quebrado
desafinado
isto não é samba, não*

*samba desse jeito
não se pode conceber
que melodia
que harmonia de doer*

*mas como sou louco
também fiz um samba louco
e esta loucura
já não consigo entender
(Samba Louco, Gilberto Gil, 1962)*

Aconteceu no Vale do Javé...

Referências Bibliográficas

- BUCCI-GLUCKSMANN, Christine; ROSA, Jorge Leandro. (2009) Diálogo sobre as imagens cristalinas e o pensamento da arte – entrevista a Christine Bucci-Glucksmann. *Nada*. Lisboa, jun., n. 13, pp. 64-73.
- CARROL, Lewis. (2009). *Alice no país das maravilhas*. Trad. Nicolau Sevcenko. Ilustrações Luiz Zerbini. São Paulo: Cosacnaif.
- DIAS, Susana Oliveira. (2008). *Papelar o pedagógico... escrita, tempo e vida por entre impressas e ciências*. (Tese de Doutorado). Campinas: FE-Unicamp.
- DELEUZE, Gilles. (1997). *Crítica e Clínica*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34.
- DELEUZE, Gilles. (2010). *Sobre teatro: Um manifesto de menos; O esgotado*. Trad. Fátima Saadi, Olívio de Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- DIAS, José Avelino. *Poemas*. Disponível em: <http://www.facebook.com/home.php#!/profile.php?id=100000093580189&sk=notes> Acesso em: jan de 2011.
- DELEUZE, Gilles. (2006). Proust round table. In: *Two regimes of madness. Texts and interviews 1975-1995*. Ed. David Lapoujade. Trad. Ames Hodges e Mike Taormina. Londres: <e>, pp. 29-60. SEMIOTEXT (E) FOREIGN AGENTS SERIES).
- DERRIDA, Jacques. (2003). *Vadios: dois ensaios sobre a razão*. Rio de Janeiro: Palimage.
- GIANNETTI, Cecília Barboza. (2007). *Lugares que não conheço, pessoas que nunca vi*. Giannetti e ilustrador Christiano Menezes. Rio de Janeiro: Agir.
- PELBART, Peter Pál. (1989). *A clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão*. São Paulo: Brasiliense. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/peter/clausuradofora.pdf> Acesso em: jan. de 2011.
- PELLEJERO, Eduardo. (2009). “A luta sem futuro de revolução”. In: *A postulação da realidade* (filosofia, literatura, política). Lisboa: Vendaval. pp. 135-160.
- PIGNATARI, Décio. (2008). *Bili com limão verde na mão*. Ilustrações: Daniel Bueno. São Paulo: Cosac Naif.
- SCHÉRER, René. (2000). Homo Tantum. O impessoal: uma política. In: *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. ALLIEZ, Éric (org.). São Paulo: Ed. 34, pp. 21-38. (Coleção TRANS).

- VILELA, Eugénia. (2000). *Corpos Inabitáveis. Errância, Filosofia e Memória. Enrahonar*. Vol. 31, pp. 35-52. Disponível em: http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-pt/wp-content/uploads/2006/12/corpos_inabitaveis.pdf Acesso em: dez de 2010.
- YOUCCENAR, Marguerite. (1996). *Contos orientais*. Trad. Gaëtan Martins de Oliveira. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Filmografia

Narradores de Javé, Eliane Caffé, 2003.

Discografia

Dor elegante, Itamar Assunção e Paulo Leminski, 1998, Álbum *Pretobrás*, Gravadora Atração.

Samba louco, Gilberto Gil, 1962, Álbum *Salvador*, Estúdio JS.

Data de Recebimento: 04/03/11
Data de Aprovação: 10/06/11

Para citar essa obra:

DIAS, Susana Oliveira. Vagabundear pensamentos – ciência e loucura e arte. RUA [online]. 2011, no. 17. Volume 1 - ISSN 1413-2109

Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

Rua Caio Graco Prado, 70

Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Barão Geraldo

13083-892 – Campinas-SP – Brasil

Telefone/Fax: (+55 19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>